



PERFORMANCE E AUDIOVISUAL

Da criação de espaços sensíveis em Frágil

Walmeri Ribeiro

ICA, PPGA / UFC

Resumo

Apontando as singularidades e os diálogos tecidos entre os três núcleos de investigação|experimentação de *Frágil*, apresento neste breve relato as contribuições do Laboratório de Poéticas Cênicas e Audiovisuais-LPCA|ICA|UFC, que ao partir de uma investigação performativa propôs a criação de espaços sensíveis, numa relação entre as potencialidades do corpo e do audiovisual.

Palavras-chave:

Performance; Audiovisual; Espaços sensíveis; colaboração

Frágil - Anotações|caderno de processo|01.12.2011

01 de dezembro de 2011. Teatro Universitário. Fortaleza. Ceará.

Três cidades, materialidades, temporalidades e proposições distintas. O palco do Teatro Universitário em Fortaleza havia se tornado um espaço instalativo. Performers, público, imagens, telas, objetos, câmeras, cabos, computadores, sons... fluxo.

Em comum, um projeto de criação desenvolvido em colaboração entre o GP Poéticas tecnológicas (IHAC|UFBA) coordenado por Ivani Santana, NANO (EBA|UFRJ) coordenado por Guto Nóbrega e Laboratório de poéticas cênicas e audiovisuais (LPCA-ICA|UFC) coordenado por mim e por Hector Briones.

19h00. O palco está pronto, câmeras, conexão e performers preparados. Rio de Janeiro e Salvador também já estão preparados. Estávamos em horário de verão, portanto, no Rio já eram 20h00.

19h20 o público começa a ser instalar no TU. A proposição era de que cada pessoa pudesse ficar o tempo que quisesse, que percorresse os espaços criando seu próprio percurso e relação com a instalação.

19h30 iniciamos as performances. No palco do TU, as três performances começaram simultaneamente. No entanto, tínhamos uma dramaturgia que dependia do tempo das imagens e estímulos que recebíamos e enviávamos via rede. Um diálogo influenciado pelo fluxo e pela fluidez das informações, mas também pelas pausas e rupturas contidas neste “fluxo”.

22h00 Encerramos mais uma etapa de pesquisa. Desta vez, compartilhada com o público das três cidades sedes e estendida para o público que nos assistia na rede. Hora de discutir com os presentes e desmontar o espaço que nos abrigou ao longo desses dez meses de pesquisa|investigação|invenção, nuances, incertezas, instabilidades, choques, descobertas, trocas e compartilhamento.

Com um projeto poético fundamentado na criação em telemática, lidando com as condições de rede (latência, velocidade de transferência, qualidade de imagens etc.) e no diálogo entre corpo e mediação tecnológica, *Frágil*, foi fruto de um processo de criação colaborativo que exigiu tempo, confiança e disponibilidade.

Processos colaborativos: complexidade, singularidade e emergência poética.

Calcados na incerteza e na “desordem”, citando o pensamento de Edgar Morin (2007), os processos de criação colaborativos são organismos que possuem um “projeto poético” (Salles, 2006) comum e criam sua própria organização, de forma singular. Uma organização se dá de forma complexa, retroalimentada durante todo o percurso criativo.

Para Morin (1991: 19), a dificuldade do pensamento complexo é que devemos “enfrentar a confusão (o jogo infinito das interretroações), a

solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição”.

Permeados pelas irregularidades e instabilidades; pelos desvios que aparecem em uma criação processual, que perturbam e transformam, temos em processos colaborativos de criação, com em *Frágil*, os choques, os encontros aleatórios, os acontecimentos, os acidentes (MORIN, 2007: 199-200).

Conhecidos por nomear uma prática coletiva, na qual a criação se estabelece a partir do diálogo entre os criadores envolvidos, os processos de criação colaborativos, partilham de um projeto poético que, segundo Cecilia Almeida Salles (2006), “são princípios direcionadores, de natureza ética e estética, presentes nas práticas criadoras”, sendo uma proposta de criação a partir de trocas, de interferências contínuas.

Bastante difundido nas artes cênicas, os processos colaborativos rompem com a organização hierárquica propondo a horizontalidade nas relações criativas e a preservação da singularidade de cada artista. Realizadas de forma processual, as criações desenvolvidas colaborativamente dificilmente podem ser separadas de seu processo, são criações em constante movimento, nas quais a improvisação e a fluidez atravessam as etapas e se imprimem no trabalho em si.

No entanto, para se lidar com a vagueza, o acaso, os erros e as incertezas de um processo de criação, é necessário, segundo Salles (2006), o estabelecimento de critérios por parte do artista. “Ao detectar algo como errado, o artista aciona determinados princípios que balizam essa avaliação e faz cortes, adições, substituições, deslocamentos, ou seja, qualquer tipo de modificação”. (Salles, 2006: 89)

Assim construímos *Frágil* (2011). Como princípios direcionadores, apresentados por Ivani Santana durante nosso primeiro encontro presencial em Salvador, tínhamos o desenvolvimento de uma pesquisa|criação, que aconteceria durante dez meses, e estava balizada por questões: 1. Da arte telemática (condições da rede, presença, virtualidade etc); 2. Das possibilidades emergentes do diálogo entre corpo e mediação tecnológica; 3. De um processo desenvolvido em colaboração entre três núcleos, preservando a singularidade de cada núcleo.

O processo

Com proposições estéticas singulares, cada núcleo desenvolveu suas composições iniciais, em rede os estímulos e trocas entre o que era experimentado separadamente se contaminavam, alteravam, tomavam novos rumos, se redesenhavam.

De Salvador os bailarinos e as intervenções em tempo real com o uso do kinect, coordenado por Ivani Santana, do Rio de Janeiro os organismos híbridos de Guto Nóbrega, que desenvolveu o robô HA e as intervenções e estímulos através de artefactos técnicos, de Fortaleza, imagens e sons criados por corpos instalados num espaço físico, sob a coordenação de Walmeri Ribeiro e Hector Briones.

Durante dez meses nos reunimos num “laboratório de investigação|invenção”, com o intuito de experimentar, explorar as possibilidades da criação em colaboração, da criação em telemática, da temporalidade e do fluxo das redes, do redimensionamento dos corpos, das construções perceptivas a partir do uso de artefactos técnicos.

Nos encontrávamos neste “nó” entre o espaço físico das cidades e o espaço fluxo da telemática. Como estratégia de aproximação tivemos três encontros presenciais. O primeiro realizado em Salvador|BA, apenas com os coordenadores de núcleos. O segundo realizado em Fortaleza|CE com a presença de grande parte da equipe dos três núcleos, cerca de vinte pessoas. E, o terceiro encontro realizado em São Paulo, no SESC-SP|Ipiranga, que contou com a presença dos três núcleos, mas já para uma apresentação aberta ao público.

Esta foi então a primeira apresentação de *Frágil* que, logo em seguida, participou do evento Desafios de Arte em Rede que abriu o Festival Internacional de Cultura Digital.Br, realizado no MAM do Rio de Janeiro. As duas apresentações públicas seguiam propostas completamente diferentes, no SESC-SP a proposta era de ocuparmos um galpão, numa apropriação do espaço, com a presença dos três núcleos. Já no MAM, trabalhamos com mediação telemática.

Neste Fluxo de imagens e sons, apresentamos no MAM|RJ a versão como havíamos criado durante o período de investigação em laboratório. Para esta apresentação contávamos também com a presença de público *in loco* em Fortaleza numa instalação audiovisual|performativa, como a denominamos.

Nosso laboratório de pesquisa (LPCA-ICA|UFC), criado em 2011, conta com a participação de alunos e professores dos cursos de Cinema e audiovisual, Teatro e do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Tendo como objetivo investigar poéticas emergentes das hibridações artísticas, sobretudo, das relações entre os campos da visualidade e da performatividade.

No laboratório, coordeno a pesquisa intitulada “Poéticas do corpo na cena contemporânea: diálogos entre performance e criação audiovisual”, que investiga procedimentos de criação, composição e dramaturgia na e para a cena audiovisual ao partir das relações entre corpo, espaço, imagem e mediações técnicas, tendo a Performance como metodologia de pesquisa e criação.

Performance, corpo e audiovisual

Pesquisas performativas (Haseman:2006) propõem uma prática que leva às questões da pesquisa, e estas são intrinsecamente experienciais. As experiências, operações emocionais e cognitivas, podem nos levar a novas formas artísticas tanto para a criação quanto para a exibição.

Assim, seguindo as premissas: 1. que a partir de experiências performativas, questões políticas, poéticas, estéticas e cognitivas

emergem como campo de possibilidades criativa; 2. que o corpo como um sistema dinâmico e auto-organizativo, ao ser inserido em um processo performativo de experiência|criação, atua propondo possibilidades de ação, descobrindo caminhos, apontando soluções a partir de experiências que se dão no campo sensorial e cognitivo. Buscávamos a potencialização de uma emergência poética a partir do encontro entre os integrantes do LPCA e, concomitantemente, com os integrantes do GP Poéticas e NANO.

Pouco a pouco fomos construindo nossas proposições. Partimos de experiências sonoras coordenadas pela pesquisadora Juliana Rangel, seguimos com a criação de espaços instalativos sensíveis proposto por mim, o texto e a palavra passaram a fazer parte das instalações numa proposição de Hector Briones. E assim, após alguns meses de leituras, referências, discussões e experimentações, chegamos em uma proposição estética para apresentar ao grupo. Construiríamos espaços instalativos sensíveis, interfaceados pelas tecnologias de transmissão e recepção de imagem e som, numa apropriação da arquitetura do teatro onde estávamos trabalhando. Uma criação site-specific que trazia à tona as potencialidades do diálogo entre o espaço físico e o espaço virtual. Assim estenderíamos as discussões do corpo para a arquitetura, ou seja, a arquitetura era também um dos corpos a ser investigado.

Da palavra, corpo, sonoridade. Sons produzidos pelos corpos, pelos objetos, pelo espaço. Sons que se tornariam estímulos de movimento não só pela sonoridade, mas também como estímulo direto no corpo dos bailarinos, a partir do uso de artefactos técnicos que transformavam o volume e intensidade do som em choques elétricos.

Dos encontros entre os artistas|pesquisadores em pares ou trios, foram surgindo os primeiros rascunhos do que poderia vir a ser as instalações performativas. Das experimentações em rede, surgiam as interferências, os choques, as dificuldades e as novas possibilidades. Da desordem à ordem, afinal, como nos diz Morin (2007), na desordem está contida a ordem. E, como todo processo de criação, sensível e intelectual, “sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso e abrindo espaço para a introdução de ideias novas” (Salles, 2008), chegamos a proposições que podiam ser alteradas a todo instante a partir dos estímulos que recebíamos ou enviávamos. Pois, num trabalho em telemática, qualquer mudança mínima gera um novo estímulo e novas possibilidades de criação.

Das instalações performativas| vertebrando-se...

Encontro 1.

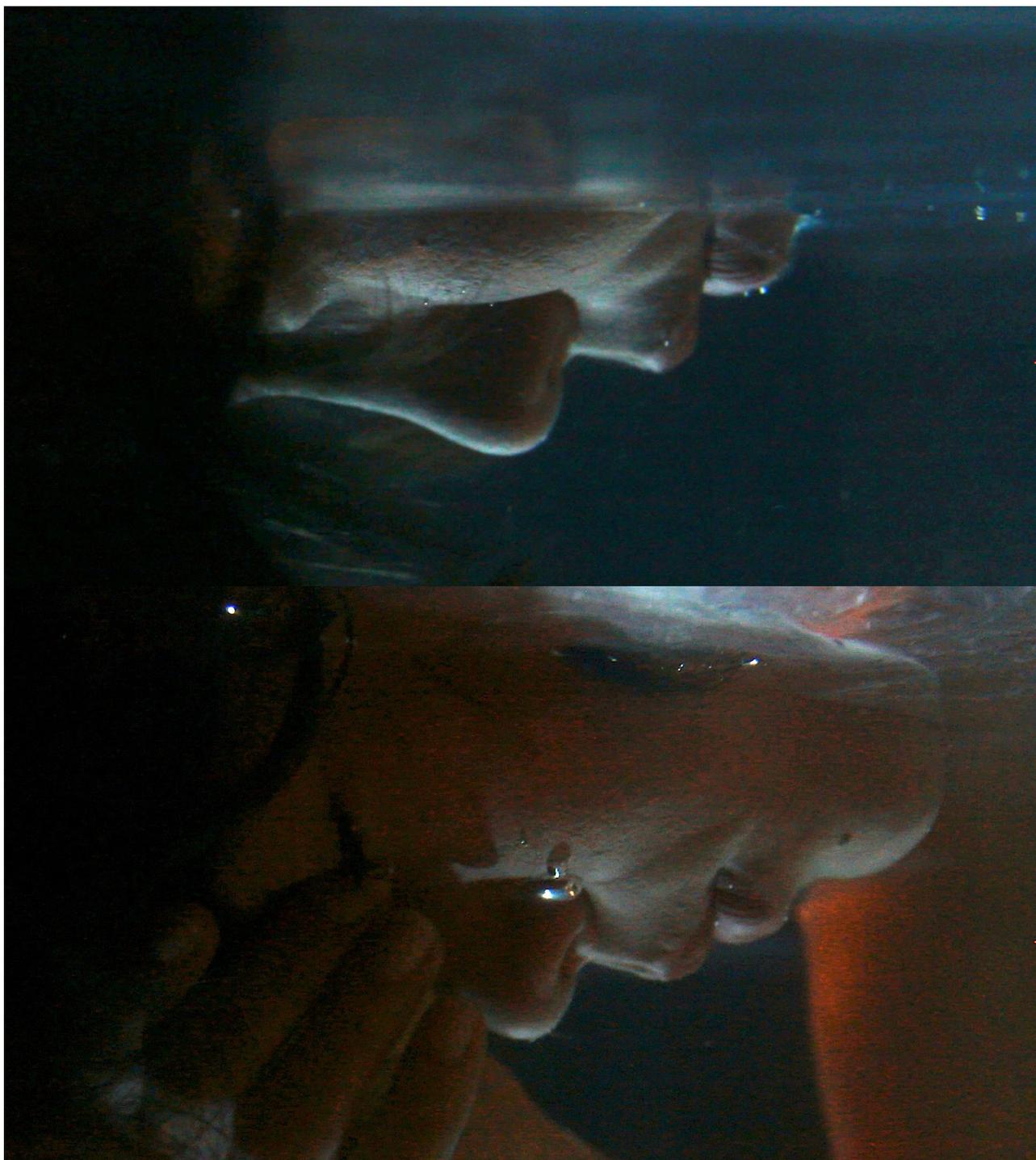


Figura 1. Performance de Samya de Lavor e Luciana Vieira.
Imagem ensaio| setembro de 2011

Do encontro entre a atriz Samya de Lavor e a realizadora audiovisual Luciana Vieira, surgiu a proposição de criar um espaço interfaceado por monitores num diálogo com a bailarina Mab Cardoso, de Salvador. Trabalhando com o elemento água, Samya, Luciana e Mab, criaram uma partitura corporal que explorava as potencialidades do movimento em relação com a imagem projetada e com o som criado a partir do contato do corpo com a água.

Em Fortaleza, este espaço instalativo recebeu também a montagem ao vivo de imagem e som, realizada por Luciana Vieira. O aquário, construído no tamanho ideal para imersão de partes do corpo da performer, transformava-se em uma tela. Assim, Samya recebia os estímulos visuais vindos de Salvador, a partir dos monitores, e os estímulos visuais das imagens processadas por Luciana. Da sua relação com água, enviávamos para Salvador e Rio o som criado e processado, além dos estímulos visuais, retroalimentando a relação de criação entre Mab e Samya.

Ao longo dos meses, Samya, Luciana e Mab, construíram juntas movimentos, diálogos e possibilidade de composição. Da materialidade dos objetos às imagens e sons produzidos neste ambiente sensível. O som da água era também expandido para todo o teatro universitário, gerando a base sonora do espaço instalativo que construímos em Fortaleza.

Encontro 2.



Figura 2. Performance de Nayara Machado e Breno Baptista
Imagem ensaio | junho de 2011

Do encontro entre Nayara Machado e Breno Baptista, ambos do audiovisual, surgiu a proposição de um corpo tela que reagisse às projeções com movimentos e sons.

Instalamos o corpo no espaço, pendurado por elásticos para possibilitar os movimentos|reações. Nayara decidiu ser o corpo tela e investigar possibilidades de movimento a partir das imagens recebidas de Salvador. Ao mesmo tempo suas reações, em som e movimento, estimulavam o bailarino Aldren Lincoln de Salvador, que numa outra camada interagia com os estímulos das imagens processadas pelo kinect. O som gerado por Nayara, era processado em estímulos corpóreos que o bailarino recebia a partir de um artefacto técnico construído por Guto Nóbrega e a equipe do NANO.

Por outro lado, as imagens da performance de Nayara Machado e Breno Baptista estabeleciam um diálogo com o HA, sendo exibidas na “barriga” do robô.

Simultaneamente, recebíamos a imagem do HA (com a imagem da performance exibida em sua barriga) que era projetada em um espaço instalativo construído em diálogo com a proposição de Guto Nobrega para o HA.

Criávamos assim, várias camadas de diálogos e estímulos. Uma rede tecida de sons, imagens e interações.

Encontro 3.



Figura 3. Performance de Diego Landin e Hector Briones
Imagem ensaio| junho de 2011

Do encontro entre Hector Briones e Diego Landin, ambos do teatro, surgiram as experimentações com textos de Jorge Luís Borges¹. A palavra e a intensidade sonora tornaram-se, numa proposição de Guto Nóbrega, estímulos sensórios para os bailarinos Jean Ferreira e Alexandre Coutto, de Salvador. Livro, voz, intensidades sonoras, ação e diálogo com a arquitetura do teatro, apontaram as possibilidades instalativas. Passamos então, eu e Fábio José, a pensar os possíveis diálogos audiovisuais entre a performance de Hector e Diego, a arquitetura do espaço e as imagens que recebíamos de Salvador e Rio. A arquitetura do teatro universitário foi o principal estímulo neste momento. Investigávamos pontos de instalação de câmeras remotas, as imagens geradas por Rio e Salvador em diálogo com as performances e os novos corpos e instalações gerados a partir destes diálogos. Assim, chegamos a um espaço sensível que interconectava as três performances realizadas em Fortaleza e as três cidades. Um espaço completamente permeado pelos fluxos de informação e aberto ao acaso e aos estímulos construtores que impulsionavam a criação. Com a proposição da construção de um espaço sensível², buscávamos inserir o público numa experiência que se dava em fluxo contínuo, assim como a experiência da criação vivida pelos artistas envolvidos durante todo o processo.

Partindo da proposição de que a prática performativa nos leva à possibilidades criativas e estéticas, ou seja, de que da experiência emerge novas formas artísticas tanto para a criação quanto para a exibição, em *Fragil*, investigávamos a relação entre corpo, performance e audiovisual, não como registro de ações performáticas, tão pouco como videoperformance ou um vídeo resultante de uma ação performática, apenas com caráter mediador, mas sim numa relação intrínseca de composição entre corpo e dispositivos técnicos produtores de imagem. Uma relação de cocriação entre corpo e câmera, entre imagens e corpos, incluindo o corpo do espaço que nos abrigava.

A tônica do fluxo e da fluidez das redes telemáticas era também a tônica dos corpos e dispositivos produtores de imagens e estímulos sensórios, de sons e das imagens em si. Um desafio que se transformou em novos projetos, produções, estímulos, mas sobretudo, em amizades e parcerias de vida, criações e invenções.

Notas

- 1 A referência textual será apresentada por Hector e Juliana no artigo que integra esta edição especial da Revista Mapa D2.
- 2 Sobre espaços sensíveis ver a palestra “Potencialidades de um corpo em performance” que realizei no encontro “A Cena expandida: um debate contemporâneo” realizado pelo Programa de pós-graduação em Artes da Cena|UFRJ no Centro Cultural Hélio Oiticica|RJ em outubro de 2014. Texto ainda não publicado.

Referências

FISCHER-LICHTE, Erika. *The Transformative power of Performance: New Aesthetics*. London/New York: Routledge, 2008.

Haseman, Brad. (2006). *A Manifesto for Performative Research*. Media International Australia incorporating Culture and Policy, theme issue “practice-led Research”(n. 118). p. 98-106.

MORIN, Edgard. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 1991.

RIBEIRO, Walmeri. *Poéticas do ator no cinema brasileiro*. São Paulo: Intermeios, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: a construção da obra de arte*. São Paulo: Ed. Horizonte, 2006.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 2008.

Sobre a autora

Walmeri Ribeiro é artista e pesquisadora, com doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e mestrado em Artes pela UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes e do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (ICA|UFC). Suas criações investigam relações entre Performance, Corpo e Audiovisual. É autora dos livros: *Poéticas do Ator no Cinema Brasileiro* e *Das Artes e seus Territórios Sensíveis*, ambos publicados pela editora Intermeios|SP.